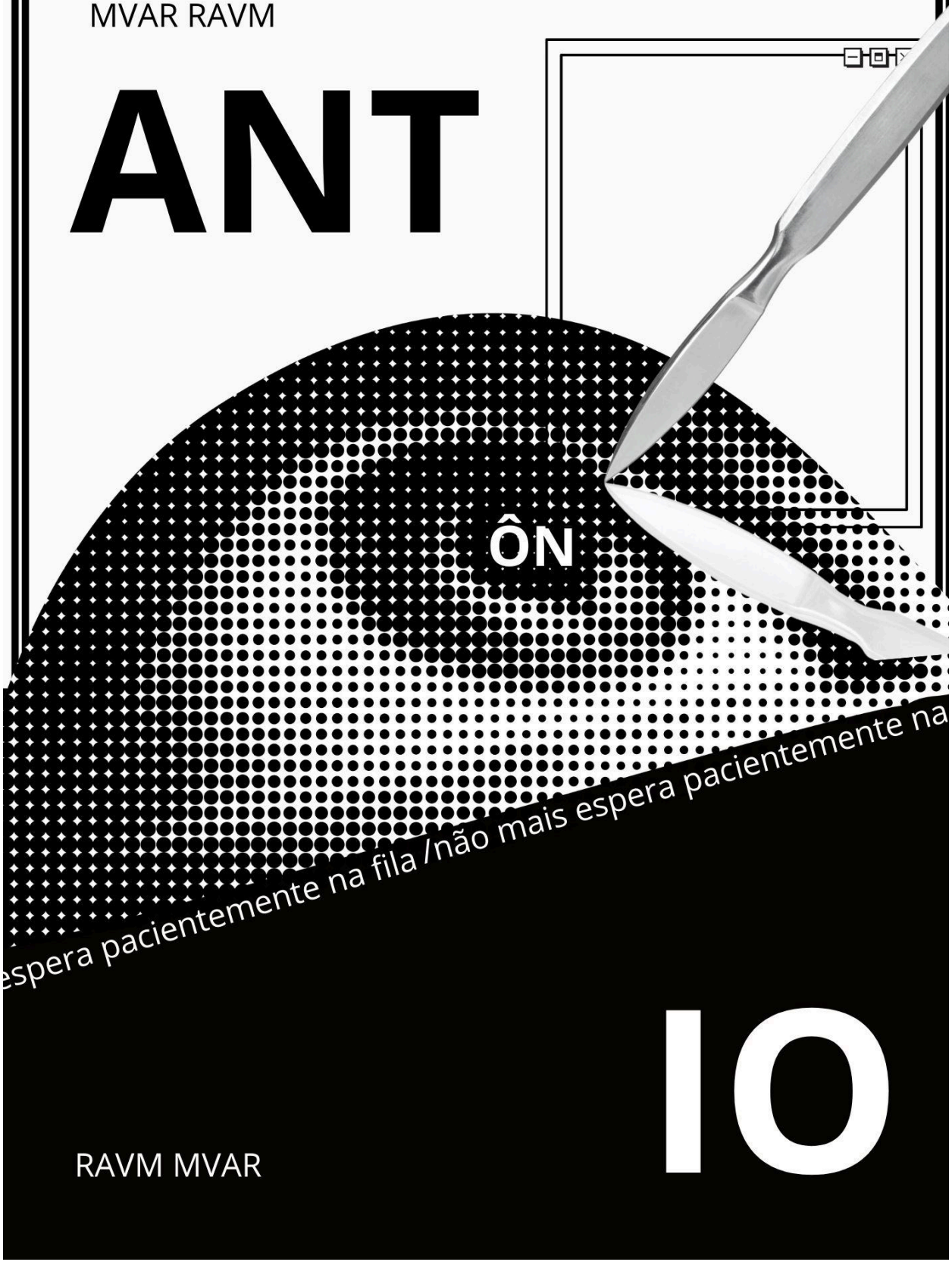
MVAR RAVM

ANT



IO

RAVM MVAR

ANT

“- Não estamos em horário comercial seu imbecil, uma desculpa esfarrapada dessa para me dispensar? Você é um bosta e sabe disso. Essa merda de protocolo só pode ensinar técnicas mesmo, beirando a frieza de uma máquina. Esqueceu-se de quem é? Sua profissão agora te define? Um médico frio como seus bisturis, acha que é isso que um médico deveria fazer? Distanciar-se do paciente a ponto de ser imparcial no diagnóstico? Acha isso possível? Olha onde nos levou, pareço curado? Quando vim te procurar parecia precisar de um psicólogo? Ou Psiquiatra? Seu tratamento não só cagou no meu olho como me enlouqueceu? Vai a merda.”

ON

“Há momentos que se tornam base para nossa compreensão da realidade, a partir deles extraímos certezas que nos protegem das inconstâncias caóticas do universo, utilizamos dessas imagens para nos construir por dentro. Nossa história é mutável, como nós.”

IO

MVAR RAVM APRESENTA

ANTÔNIO NÃO-ESPERA MAIS PACIENTEMENTE NA FILA

BASEADO EM FATO IRREAIS

“- Não estamos em horário comercial seu imbecil, uma desculpa esfarrapada dessa para me dispensar? Você é um bosta e sabe disso. Essa merda de protocolo só pode ensinar técnicas mesmo, beirando a frieza de uma máquina. Esqueceu-se de quem é? Sua profissão agora te define? Um médico frio como seus bisturis, acha que é isso que um médico deveria fazer? Distanciar-se do paciente a ponto de ser imparcial no diagnóstico? Acha isso possível? Olha onde nos levou, pareço curado? Quando vim te procurar parecia precisar de um psicólogo? Ou Psiquiatra? Seu tratamento não só cagou no meu olho como me enlouqueceu? Vai a merda.”

“Há momentos que se tornam base para nossa compreensão da realidade, a partir deles extraímos certezas que nos protegem das inconstâncias caóticas do universo, utilizamos dessas imagens para nos construir por dentro. Nossa história é mutável, como nós.”

Antônio *(não)* espera pacientemente na fila…

…enquanto o freelancer concerta a máquina de café.

- Vai logo vagabundo! Minha agenda está apertada, tenho mais o que fazer do que ver um incompetente atrasar meu dia!

Grita um empresário que está alguns passos à frente.

Não sabendo o que lhe frustra mais: a falta de direitos do freelancer ou o abuso dos mesmos por parte do empresário, Antônio decide desistir de apreciar seu tão esperado doce de banana sem aquela maldita camada extra de açúcar. Ao virar para sua retirada, é abordado violentamente por dois carecas que, depois de agarra-lo pelos braços, o perguntam:

- Como estava seu dia até agora, Tônio?

- Frustrante

- Melhor agora?

- Talvez depois

Os carecas levam Antônio até uma van pouco chamativa e dão partida.

***

A tinta rala da rua gasta pelo atrito de anos entre as micropartículas de areia que aparece misteriosamente pela cidade não dá charme à vista, mas lhe atribui a característica mais vital da cidade: a inquietação. A sua beleza vai além de um aconchego estético, apenas o registro de que já houve movimento ali já é o suficiente para instigar os olhos a reagirem, mesmo que distantes. Mas não demora para o próximo veículo cruzar a esquina, dentro dele os carecas e Antônio.

- Esse caminho é diferente

- A São Caetano tá interditada pelas manifestações

- Elas novamente? Alguém sabe para o que são?

- Cada um tem uma versão ou uma aversão.

- Não sei se sinto falta do tempo em que existiam só duas opções. Isso acontece quando ninguém é ousado o suficiente para pensar.

- Chegamos.

Talvez o que mais ajudasse Antônio naquele lugar era a arquitetura ser do tempo em que os detalhes faziam diferença no dia-a-dia. Sem aquele jardim seguido de um casarão simples, com cores e formas eventualmente sem ângulo, dava fluidez e identidade a estrutura que fora usada como moldura para alguém se expressar através da transformação daquele material inicialmente inanimado. Caso morasse em alguns daqueles cubos neutros milimetricamente calculado para um menor uso de espaço e gastos, isso o transformaria por dentro, quebrando sua fluidez para gradativamente o tornar inanimado, sem cor, sem expressividade.

- Puta que pariu! Como pode essa porcaria de controle ser tão inútil quanto um lazarento desmamado?

Dava-se para ouvir suas reclamações do portão da entrada, seguindo a origem dessas perturbações que se espalhavam além do ar deram de encontro com o porteiro vestido de Homem Aranha.

- Vai teia! Grita Antônio fingindo que a suposta teia sairia de seu pulso ao posicionar seus dedos de certa forma. Nada acontece, mas Antônio ri.

- Lar doce lar!

- Bom dia Sr. Antônio

- Que bom sinhô o que! Thor veio a Terra destruir os gigantes de gelo, você vê algum gigante desses perambulando por aí? Imagino... Enquanto isso acabou de ser cometido mais um pecado.

- Como quiser, senhor.

Antônio a responde com um olhar apático.

Quem trabalhava lá passava por um treinamento de 1 mês para aprender a lidar com esse tipo de diálogo e outras situações mais complicadas. Claro que nem sempre esse treinamento era dado por alguém que respeitasse a intenção do mesmo, essa combinação irônica gera uma estranha repercussão para os internados lá.

. - Sr. Antônio, seu aposento não fica mais no 7-1C, agora você ficará na 4-3A.

-Mas o que? Vocês não lembram do que falei sobre eu só poder ficar nos aposentos de números primos?

- Mas é claro senhor, mas infelizmente o aposento 3-1C não está mais disponível e o único vago é o 4-6A.

- Posso ao menos pegar minhas coisas?

- Não é preciso, já foram realocadas para seu novo aposento. Suba a escada e vire à direita, próximo ao banheiro. Carecas, acompanhem ele por favor.

- Imagino que isso também não dependa da minha escolha.

- Não.

Ao dobrar a direita acompanhou lenta e dolorosamente a passada dos quartos de números primos – Ao menos é próximo ao banheiro. Pensou. Logo o cheiro de das bostas cujos seus donos erraram o alvo cruzaram com seu olfato, o fazendo repensar sua afirmação.

Os aposentos eram todos exatamente os mesmos, apesar da faixada, o interior da estrutura fora reformado com os mesmos pressupostos dos cubos neutros utilizados pela maioria da população. Antônio gostava de números primos, se ao menos seu aposento tivesse algo para ele se sentir reconhecido com o lugar que morava, seu humor oscilaria sempre que seus olhos se encontrassem naquela imagem que refletiria uma parte de si.

- Sem pintar as paredes dessa vez, estamos entendidos Picasso?

- Não

- Você ouviu o que ela falou, só há mais esse aposento vago, se continuar resmungando já sabe qual vai ser o próximo.

Não se deu ao trabalho de responder, era irrelevante, só não sabia se era ele ou toda essa chamada clínica. Estava chovendo, sempre que saia, chovia. Sentou na cadeira para contemplar as gotas se chocarem contra as construções vistas até no horizonte. No asfalto a sua frente formou-se um pequeno conjunto de poças, que o permitia observar de dentro o reflexo distorcido de onde habitava. – Como pode ser tão diferente por fora? Pegou seu caderno feito de folhas recicláveis e se pôs no papel:

Da forja aflora o gasto
Traçando longe o traço
Aproximo o inatingível
Tingindo o inesperado sem clímax
Há um teatro com muitos sem papéis
Descartáveis
Mas ao invés de apodrecer no tempo
Se reconstituem em arte
Fora das encenações cotidianas
Por traz de cada categoria
Existe algo sem fatos
Não comprováveis
Intocáveis
Mas que nos tocam
Com uma precisão inadiável

Fechou-o. Escondeu debaixo da cama e deitou. Nunca dormira rapidamente, revia o dia que havia passado, sendo mais atento em tudo que deixou de fazer. A medida que o sono vinha chegando, seus pensamentos deixavam de ser precisos para tornarem preciosos. Nesse meio tempo que a linearidade da consciência está se misturando com a sinuosidade da imaginação, ocorrem ligações incríveis entre a mente e o desconhecido. É breve e sutil, poucos percebem essa transição, mas todos terminam caindo no sono.

Ele sonha que está com uma pulseira rosa em seu braço esquerdo, sem pressa tenta tira-la, não foi tão fácil como imaginava, mas conseguiu. Sem a pulseira, seu pulso ficou com uma marca, como se ela estivesse lá a tempos. Quando se deu conta estava na frente da linha do trem e esse se aproximava rapidamente. Saltou, queria que fosse para o lado, mas foi para cima. Ele se choca contra o trem, mal sente o baque. Breu.

Outro sonho emerge e nesse ele foi imerso em uma realidade subaquática, inicialmente não se incomoda, de alguma forma ele pode respirar normalmente, mas o medo toma conta e não

se arriscou a tentar. Começa a nadar desesperadamente para superfície, a afobação mais faz com que cada braçada tenha metade do impulso desejado. A pressão que gerou pressa agora o agoniza lentamente. Braçada por braçada. Até ficar sem reação. Com o corpo mole, agora observa a luz do sol bater na superfície da água, seus olhos não ardem, estranhando essa ausência de dor se põe a pensar e sem perceber a falta de folego já não o incomoda mais. Antes que pudesse chegar a qualquer conclusão se ouve de longe, mas muito intensamente:

- Vai a merda filho da puta do caralho! Funciona porra! Pah Pah Pah Pah!

Acorda com os gritos e batidas novamente gerados pelo mal funcionamento do controle. Também não fora só isso, não estava acostumado com essa cama, por mais que fosse do modelo exatamente igual a todas as outras da clínica, faltava algo, talvez o suor frio de todos os pesadelos que havia passado em sua antiga cama.

***

O dia raia, um careca aparece na porta.

- Hora do café da manhã, é bom você descer dessa vez, caso contrário perderá pontos novamente.

- E para que eles são afinal? Sempre vem nos chantageando com esse negócio de pontuação e níveis. O único número necessário para eu poder fazer algo são aqueles que estavam no papel antes de se materializarem em um bem útil, que provavelmente saíram da cabeça de alguém que vocês julgariam tão louco quanto qualquer um aqui.

- Acordou animado, gostei de ver. Agora, põe uma calça e em cinco minutos estará servido.

Enquanto se movimenta dando a impressão de que está procurando as calças, responde - Tudo bem, já desço então.

Quando o careca saí de sua porta, Antônio vira-se e volta a sua posição de conforto. Não queria descer, era a primeira segunda do mês, os internados de todas os setores se reuniam no salão para fazer as refeições juntos. A intenção era boa, mas a real motivação se tornou a aquisição de pontos fáceis. A falta de ambição para o acumulo lá fora trouxe muitos para cá e agora, a maioria deles, são motivados a trocar suas vontades por vantagens. Curiosamente essas

vantagens são nada mais e nada menos do que ações do cotidiano que foram distanciadas do dia-dia dos internados por um sistema de pontos pré-requisitado, determinando quem pode e por quanto tempo pode usufruir de tal ação. Poder ficar acordado até meia noite: Nv 3 e 15 pontos; poder assistir o horário nobre da televisão: Nv 1 e 8 pontos; poder caminhar pelo jardim a noite: Nv 4 e 35 pontos; poder comer sobremesa na janta: Nv 2 e 10 pontos; poder observar o pôr-do-sol do lado de fora: Nv 4 e 13 pontos; poder entrar em uma mesa de jogos: Nv 2 e 3 pontos; poder ficar no quarto a tarde: Nv 3 e 22 pontos; poder assistir televisão atarde: Nv 1 e 22 pontos; poder tomar café (com cafeína) no café da manhã: Nv 2 e 8 pontos; poder acordar tarde: Nv 3 e 10 pontos para cada hora a mais na cama.

Antônio estava lá fazia tempo e isso foi suficiente para alcançar Nv 3, nunca conhecera um Nv 4, diziam que eram só lendas ou que ao atingir tal nível era levado para uma sessão exclusiva, longe dos níveis inferiores. Hoje estava disposto a pagar 20 pontos para deixar de ir no café da manhã interativo. – Um teatro de macacos que tiveram suas bananas roubadas e agora recebem as cascas como pagamento pela sua obediência. Pensou.

***

Era manhã, ruas recém pintadas estavam cobertas por pequenas pétalas amareladas e cor de rosa contrastando com o fosco asfalto liso de um preto reluzente. O carrinho de sorvetes atendia caridosamente a fila de pessoas afim de experimentar o novo sabor do momento. A praça estava cheia e o povo feliz caminhava lentamente, admirando a paisagem. As crianças apontavam para os pássaros cantando na intenção de compartilhar aquela forma de expressão incrível da natureza que ia além da melodia emanada pela ave. Todo o cenário em volta, harmonizando os tons e formas das folhas cobrindo o metal que cercava aquele pequeno e rico jardim. Em meio esse cenário está Antônio, a espera. Como sempre. Mas sua ansiedade ainda era saudável e cheia de esperança. Entre a lixeira e o algodão doce, fumava seu cigarro sem pressa e a cada tragada uma pausa para contemplação, essa calma era efeito daquele lugar tranquilo e agradável. Não havia a necessidade de câmeras, a beleza era captada diretamente pelo olhar.

- Como vai Sr. Antônio?

- Muito bem, e vossa costumeira simpatia?

- Igualmente.

Esses diálogos simpáticos o rodeavam, muitos deles curtos, mas era o suficiente para fazer diferença no dia-a-dia. Aquela abertura para ouvir e ser ouvido realçava a existência dos que se reconheciam entre si por compartilharem sua necessidade de socializar. A troca de

palavras e olhares possui um efeito terapêutico impossível de ser suplantando por alguma receita médica.

Antônio não sabe bem por que essa lembrança veio a tona, mas eventualmente isso ocorria, breves lapsos de memória, as vezes uma cena, as vezes apenas o odor ou mais comum: a sensação que o contagia brevemente ao recordar. Essa em especial fora mais detalhada, não era um dia especial, mas guardou ao menos uma boa sensação dele, o suficiente para recriar a maior parte da lembrança. Muitas vezes imaginamos nossa memória como um grande backup de informações de nossas vivencias passadas e ao acessar um dos arquivos estará lá, na íntegra, o que ocorreu em ano tal, dia tal, mas não é bem assim. Ela é mutável como nós, muda conosco e o modo que interpretamos o que realmente aconteceu colore antigos quadros com novas cores, revelando mais sobre você no momento que está recordando do que o momento recordado. Ela é frágil e basta um comentário alheio para distorce-la, quanto mais antiga e menos acessada, mais fácil a distorção; pode até nos enganar, criando uma lembrança nunca vivida. Para aquelas que temos certeza de sua veracidade, basta um fragmento para influenciar todo o resto, como a lembrança de Antônio relatada, não ocorrera bem como foi descrita, a sensação daquele momento foi a fonte para a imaginação recriar toda a cena envolvida, ofuscando certos elementos e dando destaque a outros, gerando imagens e cores baseado no que foi vivido, mas reestruturado por ele ao recordar. Vamos entender melhor isso ao descobrir como ele viveu o momento na íntegra aquele dia:

Era manhã, a prefeitura está asfaltando a cidade, coincidentemente semanas antes da próxima eleição, apenas as ruas principais, mesmo aquelas que não havia necessidade alguma de uma segunda mão. As flores rosas e amarelas espalhadas pelas ruas cheias de xisto salvam o olhar da completa decepção. O carrinho de sorvetes atendia a fila de clientes afim de usufruir de seus créditos bancários nos momentos de lazer. A praça estava cheia e o povo caminhava lentamente, não para admirar a paisagem, mas para admirar melhor a tela em frente aos seus olhos enquanto andam. As crianças apontavam para os pássaros cantando na intenção de compartilhar aquela forma de expressão incrível da natureza que ia além da melodia emanada pela ave, mas os pais não desviavam o olhar daquele ponto fixo brilhoso em suas mãos. Não demora muito tempo para as crianças começarem a fazer o mesmo e o passeio em família se dissolve individualmente nas mãos de cada um. Todo o cenário em volta, harmonizando os tons e formas das folhas cobrindo o metal que cercava aquele pequeno e rico jardim era ignorado por quem está cercado daquela beleza, sem ao menos perceber. Em meio esse cenário está Antônio, a espera. Como sempre. Mas sua ansiedade ainda era saudável e cheia de esperança. Entre a lixeira e o algodão doce, fumava seu cigarro e a cada tragada uma pausa para observação, essa atenção aos detalhes era efeito daquele lugar exemplo do que estava acontecendo pelo mundo todo. Não sentiam a necessidade de contemplação, a beleza só existia através dos filtros das câmeras de celular.

Passa um rapaz que acena com a cabeça rapidamente na intenção de cumprimenta-lo e Antônio responde igualmente.

Essa simpatia era rara, mesmo sendo algo simples e curto, por ninguém entender mais o valor de uma conversa sem pretexto algum, mas ainda assim era o suficiente para fazer diferença no dia-a-dia. Aquela abertura para ouvir e ser ouvido realça a existência dos que se reconheciam entre si por compartilharem sua necessidade de socializar. A troca de palavras e olhares possui um efeito terapêutico impossível de ser suplantando por alguma receita médica.

Podemos perceber claramente que é o mesmo momento vivido, mas com um olhar completamente diferente. Todos os pequenos incômodos refletiam suas contradições internas que passava naquela época. Atualmente, por estarem melhor resolvidas, os incômodos passaram despercebidos pela sua memória. Essa utilizou apenas a boa sensação que aquele lugar tinha o potencial de excitar, e com isso preencheu as lacunas onde ficavam os detalhes e a maior parte dos comentários sínicos sobre a cena. Grande parte dos problemas que enfrentava aquela época foram substituídos por outros, tornando-a bela da forma que seria se Antônio a visse quando criança. Nesse caso a memória em questão não está inclusa naquelas que sustentam a personalidade ou o olhar de Antônio perante a vida, mas o mesmo pode ocorrer com os momentos que nos definem como quem acreditamos ser.

Há momentos que se tornam base para nossa compreensão da realidade, a partir deles extraímos certezas que nos protegem das inconstâncias caóticas do universo, utilizamos dessas imagens para nos construir por dentro. Nossa história é mutável, como nós.

***

Família reunida para o café da manhã antes de o Pai partir para o serviço. A mesa parece pequena perto de tantos sentados em sua volta, mas mesmo assim é perceptível uma cadeira vazia. Apesar de juntos, há pouca conversa, frases curtas e precisas, estilo militar, homens de poucas palavras e mulheres de palavra nenhuma. Ao fim da refeição os pequenos se despendem do pai enquanto a mãe o envolve em sua farda de um azul escuro lindo, que eventualmente volta numa mistura que lembra a roupa do Homem-Aranha. Ele fecha a porta. Os pequenos sentam em frente à televisão, não para assistir o que se passa naquele espelho preto, mas para assistir a mãe encontrar Antônio e começar o discurso. Não demora muito, no banheiro lá estava ele com o cigarro eletrônico estragado de seu pai. Perto de seus irmãos o contraste é nítido, mais baixo, um pouco mais recheado e com ideias ousadas que transbordam de si. Diferente dos esbeltos e iguais, de corpos magros, cabelo raspado, pernas cumpridas e a ancia de um dever cumprido. Ao ver sua mãe, Antônio, não se espanta nem tenta se esconder como faria seus irmãos ao serem pegos cometendo um ato de reprovação perante o olhar da geração passada. Enquanto sai ele continua a fumar o cigarro eletrônico, os irmãos rindo, alguns de sua ousadia, outros de sua cara, mas todos dele.

- Quando o pai voltar você vai se ver com ele.

Ao voltar:

- Você não se encaixa Antônio, 13 anos e já deveria estar com força física Nv 15 como seus irmãos! Bla bla bla, bla bla bla, bla bla bla, bla bla blab blab la bla, ba la baba. Blab la, blab la bla blaba, blurum blurum bluru. Ba ba baaa? Ba ba bãã! Bla balaba ba babalala bla lababa! Bla bla. Blurum blrum, bum. Bum bla ba bla la, blurnl. Blruurumblubla blabla blu bla bla bla! Bla bla bla bla, bla bla bla bla, blabla blala! Bla bla blurm bal! Blurum blur bla blu blurum blab la burum bla. Blurum bla bla blum burum. Bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla, bla bla bla bla. Blab la bla, blabla., blablabla, blaa! Bla burum bla rum blabal bluburum blarum bla! Ba ba blu b aba? Bla bla bla blrum! Bla bla blu blara bla, blu bla bloa bu bla rum. Blab la bla, blab la la bla, bla lu blu blala bludrum. Bla blab la blab la, blab lablab la bla, blab la blab la bla, blabla blab la, blaram! Bla blurum blarum blarum balabla burum blablaaa! Bla bla blduram bla bldum blabalabla blrum blabuburummrum! Bla dum blara blub la bla, bluraamamamama blabalaballalala? Bla bla bla bla bla bla bla, blara blumdran bla blã.

Era assim que Antônio ouvia carinhosamente aquele discurso já decorado tanto por ele quanto por muitos a sua volta. Não é tão ruim quanto já fora, há muito tempo, em sua idade, os sermões passados de pais para filhos tinham o mesmo tom, mas com linguajem, conteúdo e cobranças diferentes para cada época e lugar que aquela cultura se manifestava. Mas o imenso incomodo que Antônio sente ao ouvir exatamente aquele discurso em sua época e lugar deriva da mudança que sua cultura manifesta a partir de sua indignação com aquele molde que já não se encaixa para aqueles que iriam, nele, ser encaixados. Isso é lindo e saudável que aconteça, é um momento maravilhoso em que até o narrador deixa, eventualmente, de ser neutro. A alavanca de Arquimedes não está movendo o mundo, é ela que está sendo movida. O lugar que estava já não satisfaz a concepção do que seja fixo ou seguro.

5 anos depois…

A família está reunida como de costume, para manter e prosperar tradições inquestionáveis até então. Ao fundo os irmãos, todos envolvidos na mesma farda que o Pai. A frente deles a Mãe de braços cruzados, mas dividida entre sua submissão e obediência ao Pai e seu amor pelo filho e pela diferença, sempre sufocados pelo patriarca.

- 18 anos Antônio…

Diz seu pai logo a sua frente, não parece demonstrar emoção, sua postura é como a de um advogado que veio cobrar de seu cliente uma clausula do contrato que fora rompida. Os brilhos da farda que encantavam Antônio quando menor agora refletem a luz do sol diretamente em seus olhos, impedindo que veja a face do pai. Antônio nunca quis desrespeitar as exigências do Pai, mas eram tantas e algumas tão rasas que ao levantar e se espreguiçar por mais de 30 segundos já poderia estar desonrando a farda da família. O único bom exemplo que teve veio de breves

momentos com sua mãe. Quando estavam apenas ele e ela, trocavam sorrisos, sorrisos claros e sinceros, raros, não se dificilmente se via outros a não ser os de deboche por lá. Mais do que as exigências muitas vezes injustificáveis do Pai, mais que seus irmãos não o verem como um deles, mais do que ter que admirar a farda e o fardo herdado de gerações o que mais revoltava Antônio era ver diariamente a luz do brilho daquele sorriso se esconder quando perto do Pai ou dos Irmãos, não sabia porque aquilo era necessário, dava para perceber pelo olhar que quando próxima a eles o que dava vida aquele saco de ossos se distanciava o máximo que pudesse do momento presente, até que estivesse em um lugar onde poderia se expressar maravilhosamente e sem restrições de conduta.

***

- Você tá a dias nesse quarto Antônio! Saia imediatamente!

- Tenho pontos de sobra, não é isso que vocês precisam saber?

- Não Antônio, os pontos são meramente representativos, precisamos saber de você.

- De mim? E desde quando se interessam por isso? Não me lembro quando cheguei aqui, mas desde então sabem meu primeiro nome e olhem lá.

- Eu entendo sua indignação, mas ficar preso no quarto não vai ajudar. Se você abrir a porta.

- Entende nada, você aí com seu jaleco e crachá, ao acabar o expediente vai para a tranquilidade da sua casa, longe de nós, depravados que se perderam da reta traçada por quem já conhece os atalhos e tem medo de que outros percebam seus passos.

- Do que você está falando? Nós só queremos o bem pra você, Antônio, mas para podermos te ajudar precisamos que você se ajude também. De o primeiro passo e abra a porta.

Nesse momento há um incrível fenômeno ocorrendo sem que Antônio ou o enfermeiro percebam. Após a última frase, pela primeira vez há a possibilidade de a porta ser aberta, nem Antônio que será o ator dessa ação conhece os impactos que essa decisão exercerá. Linhas de realidades distintas são traçadas ao se pôr na dúvida sobre o que fazer. Um dia qualquer, uma

discussão qualquer, não tem hora, realidades são criadas e destruídas a cada sentença pronunciada, a cada escolha de palavras, as ações de cada um ali presentes. Nem sempre cabe a nós decidirmos, muitas vezes a decisão já foi tomada há tempos e só fora se revelar aos nossos sentidos posteriormente. Por isso o espanto de muitos e a espera de poucos. Não há uma concepção do que deve ser feito, nesses pequenos segundos entre estar ouvindo a última frase e compreender o que foi dito, milhões de assimilações e conflitos entre seus infinitos desejos então se chocando. O pouco que há de racionalidade em seu ser fica como um partido meramente representativo, apenas anuncia, com convicção de ele ter tomado essa decisão, o que sobrou de inteligível daquele misto de guerra com dança que há dentro de nós.

Então ele caminha lentamente e sem esforço, mas em direção a porta. Estica a mão até a maçaneta, não houve necessidade de girar a chave, a porta nunca estivera trancada. Abre a porta e puxa seu olhar de baixo até teto, mas estaciona diretamente nos olhos do enfermeiro.

- E então, o que você quer?

O enfermeiro com um belo de um sorriso o responde rapidamente:

- Vamos descer, tomar um ótimo café.
- Tem bolo?
- Só vai saber se descer comigo.
- Hum... Tá bom.

***

Fila da cantina, cheia como sempre. Os horários para alimentação são curtos e ferozmente aproveitados, mais da metade na fila. O tempo que resta ainda se divide entre a vontade de uma boa refeição e o desejo de ver o que pode ser refeito. A primeira, mais frequentemente realizada pelos internados e a segunda, pelos funcionários, mais por aqueles que observam do que aqueles que servem.

- Quantos cubos senhor?

- 3 cubos, por favor.

- Obrigado

- De nada

A mesma troca de palavras se repete centenas de vezes até que todos estejam servidos. As palavras espontâneas são trocadas pelas decoradas depois de anos de repetição, poucas emoções acompanham as sentenças e cada frase é direta. Há um ponto a chegar, as palavras servem de pretexto para aquela interação acontecer de forma breve e sem atritos logarítmicos ou metafísicos.

Ocorre exatamente o contrário que está acontecendo aqui, de repente, aberto para erros e frustrações, os acontecimentos não são regidos por um script, os ângulos não são perfeitos, há mais sendo dito do que se devia, ao mesmo tempo que incomoda, também reconforta ao reconhecer alguma realidade nisso.

- 30 Minutos pessoal.... Grita a enfermeira chefe anunciando o tempo restante do almoço

Dois carecas em cada saída desnecessariamente resguardadas. Rostos sérios. Passam despercebidos na plateia, mas estão sempre alertas. Quase podiam prever o próximo banquete desperdiçado antes dele cair, a movimentação desordenada dos envolvidos na cena revela o desfecho em pedaços no chão. SHHHPLAFT. A maioria finge que não viu, que não estão tão próximas daquilo quando realmente estão, então disfarçam. E para conter suas palavras e reações adotam um modelo raso e apático para simplificar os vários nós que existem interiormente.

- Difícil catar cada pedaço sozinho. Bem que alguém poderia... Não, eu consigo, eu fiz, eu vou limpar, vou limpar sim. Mas que fome também, triste ver toda essa comida no chão, podia ta aqui na minha barriga agora. Sem mais. -- Pensa aquele que teve seu prato espatifado.

- Ei, precisa de ajuda? --Diz um careca

- Não, obrigado. Não precisa.

Antônio apenas levanta e vai de encontro aos pedaços espalhados em volta do infeliz e começa a catar.

- Aqui.

- Falei que conseguia, não precisava mesmo. Mas, obrigado.

- Você não é obrigado a dizer nada.

- O que?

Entrega-lhe os cacos e vira as costas, sem mais nem menos. Volta a sentar e a degustar aquela mistura misteriosa que, apesar de aparentar ter alguns ingredientes diferentes, ao pôr na boca não se sente diferença de textura ou gosto. Excesso de sal em cada garfada, e na próxima mais ainda, um suquinho doce para disfarçar. Sinal toca, todos levantam lentamente, cheios, atordoados pela sua energia estar toda concentrada em suas próprias barrigas. E vão em rebanho para seus devidos lugares, para suas devidas sessões, pelo caminho devidamente sinalizado para ser facilmente seguido. Há segredos, só falta preocupações.

Entre o andar linear dos internatos uma figura passa rasgando seu caminho rapidamente, não sabe bem para onde vai, mas quer chegar em algum lugar. Nesse caso o lugar é qualquer um que esteja o desconhecido que o ajudou a juntar seus pedaços. Não sabe o que vai dizer a ele, mas sentiu algo naquela conversa não tão casual. Não gostou. Achou estranho. Mas sentiu algo. Isso raramente acontecia, ainda mais em poucas palavras. Ninguém merece frases vazias. E dessas já tinha ouvido de monte, durante muito tempo. O incomodo daquele encontro não soou bem à primeira vista e foi isso que o inspirou a entender melhor o que a conversa significou para ele. Para isso, precisa encontrar aquele homem.

Quem determina quem vai entrar em contato com quem é a superintendente e essa não aceita recomendações de novos encontros, apenas ela pode proporcionar isso naquele recinto. Acompanhada de ao menos dois carecas, nunca é vista sozinha ou sem a companhia de seu olhar entre fechado e sempre à procura de um suspeito. Os internados que entram em contato com ela ou estão com sérios problemas ou estão com um problema sério, nenhuma dessas duas circunstancias parecem se encaixar com a busca do infeliz que teve seu prato espatifado. Ao menos não nos padrões inspirados nas convicções da superintendente. Ela decidia o que era o que, e, quem pode ser o que. Internados não podem decidir com quem se relacionar, pois ela relaciona os internados como apenas aqueles que são internados e nada mais. E não a um estado de uma pessoa, ser ou ente está sujeito. Da mesma forma que um rótulo em uma embalagem onde a carne de um animal é vista e usada como uma mercadoria qualquer, com número de identificação, data de quando foi produzido e o tempo que poderá ser utilizado. Nada disso passava na cabeça da superintendente, não dessa forma, ela não via os internados como animais sendo criados para o abatedouro porque nunca vira esse processo antes, mesmo comendo carne todos os dias e em mais de uma refeição. Gostava, mal sabia o quanto, pois nunca foi diferente. Na frente de um prato mantinha sua postura para comer, apenas por exigência social, se pudesse devoraria a etiqueta. Tinha um vocabulário enxuto , sabia responder a algo com convicção e disciplina sem perder a segurança de saber que: pouco importa o conteúdo se apelar para forma consagrada em seu tempo e nível social.

- Boa tarde superintendente.

- Igualmente enfermeira.

- Sabe onde encontro o protocolo do internado B 266-3?

- Quinto armário na décima segunda fileira, linha B.

- Obrigada superintendente, vou lá pegar para você o quanto antes.

- Ok. Seja breve.

***

- Como pude ser tão distraído? Estava segurando com firmeza aquela bandeja, só pode ser por conta daquele formato esquisito, ninguém gosta daquele formato, porque eu tenho que gostar?

- Ás vezes você queria isso. Estava tão preocupado em não derrubar, mas era só faixada para ser sabotada quando surgisse o momento. Sua postura rígida talvez fosse a resposta a negação do desejo de quebrar aquilo que estava previsto.

- Quanta besteira, eu adoro minha rotina aqui. Faço a tanto tempo, mal me imagino sem ela. Quem sou eu para questiona-la?

Esse diálogo está acontecendo dentro da cabeça de John Zé, era assim que se apresentava e foi assim que foi registrado na clínica. Não foi fácil, a clínica é muito exigente quanto a documentação dos internados, mas ele não tinha documento, também ficou surpreso quando descobriu. Inicialmente fora registrado apenas com seu número de identificação e era assim que o chamavam. Para John Zé não tinha problema, respeitava as regras. Era pior para quem tentava chama-lo, os funcionários tinham facilidade de decorar números e relaciona-los com os internados, mas os mesmos não tinham essa necessidade, logo não se identificavam com seus respectivos registros. De número só foi para nome quando o sistema deu pane em um dia de natal e não havia ninguém por lá que soubesse restaura-lo a tempo. Foi necessário catalogar a clínica toda novamente, poucos sabem o que realmente foi feito nesse processo, mas John Zé é bem

mais marcante que um número qualquer e ao refazerem seu registro fora mais conveniente lembrar de John Zé do que de seu número de identificação original.

- A questão é: quem é aquele homem? Porque suas palavras secas e densas, mas de uma atitude serena e expressiva?

- Porque ele me ajudou? Falei que estava bem, não precisava da ajuda de ninguém.

- Não precisar é diferente de não querer. A ajuda dele foi de muito bom grado. Não tem porque fingir que não, não há ninguém aqui para ver essa cena.

Também não haveria estranhamento nesse último comentário caso essa voz não fosse nova. John Zé pouco pensava sobre seus próprios pensamentos, então não os questionava. Nem isso reparava, caso contrário, estranharia tantos pontos de interrogação pairando pela sua cabeça, ou nessa voz ousada o instigando a ir mais fundo na investigação do que está acontecendo. Qual seria essa nova voz? Saberia ele responder qual era sua voz, ou quantas vozes são?

- O olhar.

- O que que tem o olhar?

- O olhar dele.

- Você acha que ele tava dando em cima de você?

- O que? Claro que não imbecil. Não era o olhar de quem queria algo, mesmo sabendo de suas faltas. Suas palavras eram fortes, incômodas, quase agressivas. Da mesma forma que seu olhar, não era bonito ou encantador, era tenso, mas dessa tensão cantava suas dores com sinceridade.

Foi John Zé que olhou naqueles olhos, por breves momentos marcantes, mas não deu a devida importância a esse detalhe em especial, o significado daquele encontro estava dissolvido durante todo o momento que durou. No relógio não durou muito, mas em sua memória permanecerá por anos até compreender que o tempo era irrelevante.

- O olhar...

***

- Como não é possível?

- Desculpe, senhor, mas infelizmente o que está me pedindo é inconcebível em minha profissão.

- Mas foram vocês que fizeram o estrago! Acha que eu teria chegado a esse ponto caso vocês não tivessem o transformado em algo inútil?

- Tentamos de todas as formas. Aplicamos o tratamento com convicção que iria funcionar, nossa medicina é boa, mas ainda há falhas. E em seu contrato o senhor autorizou todos as etapas do procedimento.

- Eu não quero saber do que já foi. É muito claro para mim que o tratamento falhou, mal posso enxergar! No contrato não há especificações das sequelas devido a aplicação exagerada do gel. 4 anos! 4 anos, de muita paciência e colírios! Antes ele funcionava pouco, depois do "tratamento" está funcionando é nada! Me diga doutor orgulha-se de seu trabalho?

- Faço o meu melhor seguindo as normas e exigências do protocolo. O senhor sabia dos riscos e não hesitou durante o procedimento. Entendo sua frustração, mas não podemos fazer mais nada.

- E você decorou essa porcaria de frase onde? Na merda do protocolo? Mal me olhou nos olhos para me dizer isso, está com vergonha do que fez ou essa indiferença vem junto com o jaleco? Passei 4 anos tratando com você e só demonstrou empatia nos dias de revalidar o contrato, eu te pergunto novamente, orgulha-se do seu trabalho?

Antônio teve sua retina descolada. Esse transformador de estímulo luminoso em estimulo nervoso quando desprendeu-se da parede interna e posterior do olho perdeu o fornecimento de sangue vindo da coróide. Pela falta de nutriente e oxigênio, a retina vai degenerando gradativamente, levando consigo o mecanismo de geração de imagem do olho. Caso não seja tratado, é possível perda total da visão do olho afetado. Esse tipo de descolamento chama-se descolamento de retina regmatogênico e não era o problema de Antônio, seu problema era um pouco mais simples.

Para não ficar atoa, durante as viagens de ônibus, Antônio lia, lia a viagem toda e em quase todas as viagens. A movimentação tremula do ônibus enquanto se desloca faz com que as

letras fiquem tremulas também; o olho, ao tentar decifrar as palavras em movimento, muda seu foco rapidamente e faz isso constantemente, pois nem o ônibus, nem sua teimosia, sessavam. Devido essa exigência extrema ao decorrer de muitas viagens, esse movimento frenético da mudança de foco, a exposição constante do olho a essa situação fez com que seu globo ocular inflamasse e descolasse levemente sua retina. Perdeu um pouco de sua visão periférica e não pode mais ler no ônibus. Foi buscar tratamento.

Para o tratamento, alguns nomes complicados: retinopexia pneumática somada a criopexia e a fotocoagulação a laser. Um ano de criopexia, Após esse primeiro ano de criopexia tentaram uma cirurgia chamada vitrectomia, para remover o gel vítreo ou qualquer outro liquido que estaria causando o deslocamento da retina. Acontece que ao retirar o vítreo é colocado um gel, óleo ou gás para substitui-lo, que teoricamente ajudariam na reaplicação da retina. No caso de Antônio foi usado um liquido que não ajudou a reaplicar a retina, muito pelo contrário, fez com que ela se distanciasse ainda mais do globo ocular, piorando seu caso. Então tentaram mais um ano de fotocoagulação e os últimos dois anos o conjunto com retinopexia pneumática, criopexia e fotocoagulação, simultaneamente. Antes tinha perdido apenas boas parte da visão periférica, depois do tratamento, Antônio, desenvolveu a chamada retina regmatogênico e não enxergava mais nada com seu olho afetado.

- Meu trabalho é salvar vidas, você ainda está vivo, fique feliz por isso.

- Então arranque esse olho, vou continuar vivo e você vai continuar fazendo seu trabalho.

- Está maluco? Já lhe disse que isso é mutilação, nenhum médico fará tal absurdo.

- Vocês já fizeram, estragaram o meu olho por completo, agora que o fez, termine o serviço, arranque esse pedaço de tecido que vocês tornaram inútil.

- Nós entendemos sua indignação, sentimos muito, mas não podemos fazer mais nada pelo seu olho.

- Vocês não podem fazer mais nada, nem meu olho. É isso que você quis dizer não?

- Como?

- Tentou tratar seu ouvido doutor? Cagaram nele também?

- Não, e mesmo se tivesse, não me trato aqui.

- Claro que não, claro que não... ao menos reconhece as incompetências que o cercam.

- Não vejo mais o por que estamos conversando, não há mais nada a ser feito.

- Você não vai arrancar essa porcaria?

- Você não está pensando realmente nisso, está?

- Como não? Pareço estar brincado? Eu não enxergo mais nada com esse olho, mexemos tanto nele, aplicamos tanta química, alteramos tanto sua composição que mal o reconheço como parte do meu corpo. Mas você não deve estar interessado na minha filosofia, não vou lhe prestar motivos ou justificativas, seus erros já revelam demais sobre minha decisão. Se você respeita a sua profissão, respeita suas limitações, respeita seus erros, se você me respeita, ao menos como paciente, respeita meu corpo, respeita meu bem-estar. Entenda que não estou te pedindo um favor, está mais para um acerto de contas, seu tratamento deformou meu olho, então trate de terminar com ele, você me deve isso. Não finja que se importa com os riscos para mim, está mais preocupado com seu posto de médico, fique tranquilo, não é preciso ter registros desse procedimento, sua licença estará a salva, não voltarei para caça-lo ou para te processar. Não pouparei minhas palavras para enxergar mais do que seu tratamento me submeteu, foda-se os protocolos, em algum lugar está escrito como lidar com essa situação que você se encontra agora, doutor? Acredito que não, isso está fora dos registros, e ficará assim. Estamos combinados? Agora arranca essa porra que me deve.

- Antônio, você deve estar em estado de choque, sua perda foi lamentável, talvez fosse algo pelo que não esperasse. Irei te recomendar um bom psicólogo, as primeiras sessões serão por minha conta, converse com ele, poderá te ajudar melhor que eu.

- Não doutor, assim você subestima a seriedade da situação. Fiquei anos me tratando, tive tempo para pensar sobre o pior. Também não achei que chegaria a esse ponto. Não consigo enxergar com ele e não consigo fecha-lo completamente. Ele atrapalha o cérebro a codificar a imagem que foi captada. Sem falar dos colírios, estou de saco cheio deles, o gasto no bolso e na paciência, tenho que andar com uma mochilinha só para esse quite. E para que? Você já disse que não há mais nada para fazer que possa salva-lo. Me diga doutor para que vou ficar com ele onde está? Arranque e doe para um laboratório ou para uma águia comer, ambos farão melhor uso que eu.

- Você tem razão.

- Não faço questão de tê-la, apenas faça o que me deve. Se não faço por mim mesmo.

- Devo estar subestimando a seriedade da situação mesmo. Talvez eu não deva te recomendar um psicólogo, mas devo recomendar você a um psiquiatra! Acha que é ass

im que as coisas funcionam? Você é só mais um paciente na minha lista, não lhe devo mais do que o tempo de minha consulta. Entenda que nem tudo vai quer do jeito que deveria, muito menos do jeito que você quer. Seu tempo acabou, chame o próximo da fila.

- Não estamos em horário comercial seu imbecil, uma desculpa esfarrapada dessa para me dispensar? Você é um bosta e sabe disso. Essa merda de protocolo só pode ensinar técnicas mesmo, beirando a frieza de uma máquina. Esqueceu-se de quem é? Sua profissão agora te define? Um médico frio como seus bisturis, acha que é isso que um médico deveria fazer? Distanciar-se do paciente a ponto de ser imparcial no diagnóstico? Acha isso possível? Olha onde nos levou, pareço curado? Quando vim te procurar parecia precisar de um psicólogo? Ou Psiquiatra? Seu tratamento não só cagou no meu olho como me enlouqueceu? Vai a merda.

- Saia do meu consultório!

Antônio debruça sobre a mesa, o olha no olho e se aproxima para dizer:

- Olhe bem o que você fez, olhe bem.

Quando se aproximou o suficiente, cuspiu no olho do médico

- Ahhhhhhrg, desgraçado!

- Aceita um colírio?

- Isso não vai ficar assim, saia agora! Saia agora daqui!

Antônio dá as costas e se retira, desce as escadas, espera o doutor destravar o portão, TÈCTÈCTÈC, elétrico, sai, ascende um cigarro virando a esquina e então murmura para si:

- É... isso não vai ficar assim...

....

Anda de um lado para o outro, sobe as mãos ao rosto, coça a cabeça, soca o ar, corre rapidamente e se olha no espelho. Se encara.

- Teria coragem?

Se fosse por estética não se incomodaria tanto, pouco se importava se pudesse usar um tapa olho, por exemplo, mas não era possível. Uma das sequelas da cirurgia foi a hipersensibilidade, ainda mais térmica e tátil, impedindo que qualquer superfície entre em contato com seu olho sem que sinta uma ardência dilacerante.

Consequentemente é incapaz de encostar completamente suas pálpebras, acorda com olho entre aberto e dorme com o olho entre aberto. Aumentando os gastos com os quites de colírios e atrapalhando a interpretação do cérebro perante a imagem captada. A metade embaçada compromete a identidade das coisas observadas claramente pelo outro lado.

Tinha uma certa beleza, caso fosse bom pintor, poderia fazer telas a óleo maravilhosas apenas se inspirando no que via sem os óculos. Seu modelo seria o mundo sem forma, sem nitidez, sem timidez, uma relação intima com os defeitos que dão sentido as perfeições que o cercam.

Mas não queria pintar, queria ver. Arrancaria um olho para enxergar metade das coisas que deixava passar.

Mas não queria filosofar, queria esquecer.

Quem teria razão ao dizer que o tratamento o enlouqueceu? Ninguém pode ter a razão, a razão não é algo que se tem ou algo que se pode estar com ela agora e daqui duas palavras a perder. A razão é parte, uma parte, mas não aparte, é parte de nós. É crença na forma e no método, na sistematização e na ordem. Uma ferramenta, um ponto de partida, uma sustentação. Um escudo de possíveis certezas em meio a desordem infinita do universo. O ursinho de pelúcia da criança, convencida que ele pode a proteger do desconhecido sem saber que é a imaginação que dá esse poder ao ursinho.

Antônio tinha um ursinho, e sim, depois que cresceu esqueceu que um dia o teve. Mas a figura do ursinho permaneceu em sua vida, apenas migrou para outras entidades.

A segurança do ursinho já foi um ursinho, um boneco do homem-aranha, uma meia da sorte, um óculos escuro do filme “They live”, a roupa que usava, a pasta de couro, o carro do ano, um celular por ano. Ao decorrer da história temos alguns ursinhos famosos, entidades mais abstratas como as leis de deus, as leis do estado, as leis físicas – “Que leis?” Demorou anos para se questionar sobre essas, mas gradativamente viu as grandes diferenças internas e as suas semelhanças mais discretas.

Todas traziam consigo um princípio de ordem, uma ideia de ordem. Alguns com esperança, alguns com disputa outros com números, mesmo discutindo entre si, achando que traçam caminhos muito distintos, convergem nesse mesmo ponto, o reconhecimento de quão frágil é o ser humano perante a aleatoriedade ou o acaso e sua necessidade de, por burrice ou por uma linda teimosia, dar sentido ao que bem desejar.

Movimentos, onomatopeias, palavras, números, rabiscos, desenho, até o silencio, ao nos expressarmos um poder é atribuído ao que está sendo transmitido. O conteúdo é resultado da energia absorvida no ambiente e trocada entre os que o habitam. Captamos frações disso, míseros flashs talvez. E ao tentar transpor essa sensação em algum código há cortes, há contradições, há falhas, mas, ao menos, há. E dessa ousadia em tentar, origina-se guerras e civilizações inteiras, maravilhosos erros que inspiram e assustam. –“Estou apenas seguindo ordens” Quantas pessoas já mataram e morreram por essa frase? -“Estou apenas seguindo o que sinto” Quantas vidas são devolvidas ou devastadas por essa outra?

Antônio liga para o médico. Toca... toca... toca.... toca... Atendeu.

- Você sabe que horas são?

- Não tenho a mínima noção.

- Vai dormir Antônio.

- Não, escute aqui, sobre aquela história do psiquiatra, você estava falando sério?

- O que?

- A última vez que conversamos...

- A não? Aquilo? Calor do momento, não era minha opinião como médico.

- E a sua opinião como médico?

- Não estou de plantão e mesmo se tivesse não faço consultas pelo telefone.

- Então me responda como pessoa, quem você é mesmo?

- Não tenho tempo pra isso Antônio, vamos, diga o que quer.

- Quero marcar a cirurgia.

- Que cirurgia?

- Para arrancar esse olho.

- De novo não! Esqueça isso! Pare de insistir nessa ideia maluca.

- Não, eu faço questão de ser você quem vai tira-lo, pois foi quem o comprometeu a esse estado.

- Nem eu nem ninguém vai fazer isso por você.

- O que está insinuando?

- Como?

- Você teria coragem?

- Do que está falando?

- Arrancar o próprio olho para poder enxergar.

- Quanta baboseira, vai escreve poesia, tem gente que precisa trabalhar amanhã.

- Me diga, você leva seu desprezo de casa ou traz a do trabalho?

- Boa noite, Antônio.

- Espera.

- O que?

- Depois não me diga que não avisei.

- Antônio, não é nada pessoal, estou apenas seguindo ordens.

- E eu o que sinto.

Desliga o telefone.

Nesse momento seu olho não representa apenas o ursinho, mas seu mundo inteiro, as concepções do que deve ser feito, sabotado, testado e jogado fora. Depois de processado foi deixado para traz, transtornado a ponto de nem o solo querer mais transformar em vida novamente. O que o fazia ver agora confunde o que é, uma revolução industrial que consagrou o domínio do fogo ao preço de nos matar aos poucos.

Estica a mão até a gaveta e pega o maço. Puxa o isqueiro do bolso dianteiro. Traz o filtro à boca e acende a outra ponta. Incandesce. Traga o resultado daquela intensa combustão. Olha pela janela e vê um pico de luz distante e extenso, uma luz que pulsa alaranjado entre o verde ao fundo da paisagem.

Imagine a primeira vez que vimos um raio ascender o topo de uma arvore e surtamos com tamanho poder a ponto de atribuirmos sua origem à seres divinos e, para nós até então, superiores. Desejamos esse poder. Aos poucos fomos fazendo nossas pequenas fogueiras para nos esquentar a noite e nos confortar em meio sua escuridão. Tão já o utilizávamos para dizimar florestas e vilas inteiras. Até que contemos um pouco dessa fúria e a concentramos para fazer algumas toneladas de metal se mover violentamente. Não seria surpresa se sua origem fosse para transportar cargas com intenções diretamente mais mortíferas.

Claro que não há só esse uso de marcos históricos, há usos mais marcantes e diários como esquentar a comidinha ou a água da banheira. Imagine aquele, aquele que viu a copa das árvores iluminarem a noite enquanto queimavam depois de chocarem-se com aquela energia imensa vinda do céu, presenciar agora, Antônio, ascendendo seu cigarro usando o mesmo princípio daquele poder que fez e faz florestas inteiras em cinzas, apenas para seu deleite. O controle do fogo em seus dedos e usa-o para fundir-se por breves momentos a fumaça.

Seria demais para aquele, aquele que vê a copa das árvores iluminarem a noite enquanto queimam depois de chorem-se com aquela imensa energia vinda de uma bituca de cigarro mal apagada. Não demoraria muito para fazer o mesmo.

Joga a bituca pela janela. Pega outro cigarro.

***

Com dificuldade abre os olhos, vê muitos tons claros e alguns fios pendurados sem nitidez, ao lado uma janela, mais céu do que chão, estava pelo menos no quarto andar. Soro direto na veia, oxigênio controlado, batimentos medidos, estável. Mas onde estava?

- Enfermeira ! Enfermeira ! – Pensa em gritar, mas está sem voz, não sabia quanto tempo estava desacordado, o suficiente para esquecer-se do seu tom.

- Merda.

Não tinha flores ao lado, sua vida não é um filme, não se sabe qual a próxima fala, não há script, e porque deveria? Que fardo maravilhoso que temos de ter que escolher a próxima fala ou senão inventa-la. Baralibahazontin. Você esperava por isso? Nem eu.

Pensa que se acostumou estar dormindo, memórias vividas de aventuras sem começos e cenários movediços. Conheceu muita gente, esquece-se que existiam antes. As reencontra, pensa se já as tinha encontrado, vagamente, talvez as tenha inventado ou elas o inventaram? As memórias se misturam, quando vagam, entrelaçam-se e criam histórias juntas. Muitos se questionam sobre a veracidade do estado de vigília, como saber se estou dormindo agora ou não? Como saber se a vida é apenas um sonho de quarenta minutos? Mas são essas as questões que importam? Se o que você é hoje é o conjunto das histórias presenciadas por sua imaginação, o

que diferencia a sua memória de um sonho? Tente se lembrar de quando era bem pequeno, bem pequeno mesmo, apenas fragmentos, não? Picos marcantes, algumas vezes desconexos, facilmente recriados ao tentar lembra-se. Como um sonho bem vivido que ao acordar vai dissolvendo lentamente ao decorrer do dia até esquecer-se.

Antônio conheceu muita gente enquanto dormia, viveu muitas histórias, morreu entre elas e lembra-se desse breu, só se esqueceu de como começou. Encontrou com o perigo, experiência. Sentiu como sente agora olhando para janela ao lado sem poder abrir a porta. Fugindo de todo e qualquer controle e definição, acordado ou dormindo, ele vive, independentemente de sua opinião se aquilo é real ou não.

A porta é arrombada bruscamente, uma mulher armada entra no quarto apontando a pistola para cara de Antônio e diz:

- Nos encontramos de novo Tônio.

Atira e acerta no refil de soro que começa vazar. Antônio rapidamente joga o lençol para cima e cai para o chão, abaixa-se tentando se proteger usando a cama. A mulher continua a atirar e vai se aproximando passo a passo, sem pressa com pés, mas com dedos que não atrasam no gatilho.

- Putaquepariu! Quem é você afinal?

Ela não responde, mas os disparam cessam. Antônio olha para traz, ela está de costas andando em direção a porta com um jaleco na mão. Ele levanta e, de olho na porta, se aproxima da janela. Olha para baixo, prédio alto, não muito para quem vê, mas para quem pensa em pular. Há ventilações externas do ar-condicionado.

- Será que me sustentaria? Não... ideia boba, como passarei para os outros até o chão? – Pensa Antônio.

Antes que pudesse voltar a metade do corpo que estava para fora, é agarrado de costas, uma mão no cinto, outro nos cabelos, é arremessado pela janela. Na queda se vira e vê a mulher de vestido preto e com desenho de um dragão tribal avermelhado, ela ainda está armada, dispara sete vezes antes que seu corpo caisse no chão. Não acerta nenhum, mas o impacto é inevitável. Os ossos da costela despedaçam e perfuram o pulmão. Não morreu com o choque de seu crânio, pois seu tórax absorveu o primeiro e mais intenso contato com o concreto. Tenta manter os olhos abertos até o último suspiro. Durou pouco. Breu.

Não sente mais seu corpo, mas ainda pensa.

- O que está acontecendo?

Se lembra e se esquece.

Sem que perceba surgem novos tons na tela.

- Antônio?

- Antônio?

- Você não me conhece, desculpe te acordei?

- Hã... Hmmm... Acho que sim.

- Meu nome é John Zé, e certo dia nos encontramos no refeitório...

- John Zé? Você só pode estar brincando...

- Não, não

- Esse é mesmo seu nome?

- É assim que me chamam, por que?

- Que tipo de referência é essa? Hahaha fala sério... Olha, desculpe, acabei de acordar, não queria te interromper caçoando do seu nome, vai, pode continuar falando o que estava a dizer

- Então, certo dia, no encontramos no refeitório, você me ajudou a catar os cacos que espalhei pelo chão, conversamos muito brevemente, mas desde então não tirei ela da cabeça, por mais simples que fosse, aquelas poucas palavras fazer surtir em mim efeitos sobre o que vejo. Percebe? Não era de meu costume falar assim... Enfim, tentei reencontra-lo imaginando que você teria alguma resposta sobre o que está acontecendo. Demorei muito tempo para encontra-lo, quem diria que todo esse tempo esteve aqui? Deitado próxima a enfermaria 32-A.

- Como é? Você fala com se eu estivesse aqui a muito tempo, não faço ideia de como vim parar aqui.

- Eu entendo, deve ser confuso para você, mas realmente está aqui a muito tempo, adormecido, mas suas memórias Antônio, moveram toda uma nação!

- Do que está falando, que absurdo. Para que esse exagero, elas me moveram até aqui e olhe lá, mal me lembro donde estava horas atrás.

- Olhe, eu não devia estar aqui, muito menos explicando algo assim a você. Já me pegaram algumas vezes, tive que ficar fora um tempo, até arranjar o disfarce que me levasse até aqui, tão próximo como estou agora. Como estivemos aquele dia no refeitório.

- Onde você quer chegar?

- Eu também não sei! Vim aqui justamente para descobrir!

- E porque acredita tanto que estar aqui, depois de todo esse trabalho de disfarces e tal, vai ajudar em alguma coisa?

- Já ajudou.

- Como assim, isso tudo está muito confuso, porque não volta outra hora?

- Tá bom.

- O que? Como assim?

- Volto depois então.

- Não, olha, não achei que ia topar, isso só irá tornar as coisas ainda mais confusas.

- Não acho que a confusão das coisas dependa dessa conversa, muito menos de eu me retirar ou não agora. Não está preparado, nem percebeu que está sonhando ainda. Um dia teremos essa conversa de novo, e você lembrará de como veio para aqui e assim vai poder me contar. No momento você está em coma, teve alguns flashs de seu passado, muito vívidos, evento muito raro, não posso falar mais, e nem tem por quê, você não vai se lembrar de nada disso quando acordar mesmo. Quando acordar ainda vai me conhecer, não estarei como sou agora, me verá perdido em minha primeira busca por respostas, quando lhe procurar, não seja tão estupido como foi agora.

- Essa conversa toda está muito esquisita, até mesmo para mim.

- É justamente por isso que vou "voltar outra hora". Durma à vontade ou acorde por uma razão. Até Antônio.

***

-Estamos perdendo ele!

- Batimentos?

- Instáveis.

- Vai companheiro você consegue, trague esse ar que o cerca!

- Mais uma vez, vamos!

Os enfermeiros assistem a insistência do doutor determinado a conter as variáveis em busca do sopro que trará seu paciente de volta. Acredita que está quase, tão perto que não poderia desistir agora.

- Vamos! Vamos!

- Mais oxigênio!

A vida de Antônio pulsa entre picos e precipícios registrados na tela. Cada batimento seu é monitorado pela máquina devido a transformação a partir das regularidades da física que a constitui, essa mesma estabilidade é princípio dos instrumentos usados pelos médicos e até mesmo as roupas que usam. Ironicamente se essa linearidade aparecer no monitor cardíaco seria o fim dos seus esforços; a linha reta, elemento básico que delimita nossas invenções e traçam a trajetória de muitas vidas ao redor do globo representaria a morte registrada.

PÍÍÍ

- Doutor?

- Não, não, não, não... Desfibrilador, rápido!

- Aqui.

- 1...2...3 Vai!

- Calma, mais uma vez.

-1...2...3 Vai!

- Respira porra!

-1...2

PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ
PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ PÍ

Antônio responde as expectativas do doutor, ele dá sinal de vida não só pelo monitor, mas também por um vômito resultado dos comprimidos que ingeriu.

- Bem-vindo de volta. A próxima vez chame um careca, ele terá o que precisa na medida certa. Carecas, encarreguem-se de levar o Sr. Antônio para a sala de televisão, ele ficará anestesiado por um tempo.

Sendo carregado pelos ombros dos carecas seus pés parecem flutuar, saberia dizer se estive sentindo. A sua cabeça balança de um lado para o outro, a visão ainda embaçada, confuso, seria mais uma das aventuras de cenários movediços? O corredor não acaba, não vira, só há portas e um caminho. – Onde estão? – Pensa Antônio.

Uma das portas que observa abre, sai um homem de cueca e vomita no rodapé da do corredor, mantem a mão na barriga e a pressiona como se tivesse mais coisas para sair de si. Os carecas apenas continuam a andar. Outra é aberta, dessa vez ouve-se apenas uma voz feminina clamar “Enfermaria 32-A, próximo”. Carecas só seguem. –Qual será a próxima? Pensa Antônio.

Mais nenhuma porta abre, mas uma delas havia algumas marcas de tiros. Dois perto da maçaneta, três no meio, um mais acima e outro ao lado. Foi a que mais lhe chamou atenção, antes que pudesse pensar em qualquer sobre coisa daquela cena, seus olhos pesam e logo desmaia.

Os carecas o acomodam sentado em frete a televisão suspensa no teto. Vários outros internados passam suas horas ali, alguns pouco conhecem o que há fora daquela sala. Não se olham, mal piscam perante a tela, só interagem com a cadeira ao lado para falar sobre os programas ou a cadeira a frente quando está atrapalhando a visão de seu mundo plano e quadrado. No momento passa na tela a cena do filme 12 Macacos, coincidentemente, a cena dos internatos assistindo televisão. Mas isso pouco importa, aqueles que estão assistindo perderam sua capacidade de assimilação ou de se projetar em um cenário que está observando. Basta movimento e cores passando pela tela, é o que procuram, como se não houvesse conexão entre as imagens, para eles, aleatórias, não percebem nem a transição do filme para as propagandas. Eventualmente algum funcionário passa por cima dos fios de extensão e desligando a televisão.

É o momento que aqueles que assistem desviam minimamente o olhar da tela para ver o que está acontecendo ou põe para fora o que estão sentindo.

- Óóó não! Puta que la merda! De novo nãão! AAAAAHHH

***

Como se fosse ontem, como se nenhum segundo sequer estivesse diferente do que já foi, Antônio abre os olhos em sua cama. As paredes do quarto que habitava estavam novamente pintadas. Dois carecas e uma enfermeira já estava na porta.

-Antonio... denovo não... já falamos milhares de vezes. As paredes devem se manter do jeito que estão quando você chega no quarto. Teremos que realoca-lo novamente para pintar essas paredes da cores que são.

Antonio ainda com o corpo adormecido e a boca banba tenta perguntar:

-Mas que cores são afinal?

A enfermeira com um tom de quem sente pena o responde:

-Ooownnn.. tantos anos aqui, como pode? Você sabe sim as cores delas, vamos lá, estão bem em sua frente…

-Ele é como uma criança enfermeira, pare de tentar trata-lo com gentilezas, as crianças só ouvem quando são atingidas.

O outro careca ri junto quando outro terminou sua frase. Ambos pegam Antonio pelos braços e o levam. Os pés de Antonio mal encostam no chão.

Atravessam.

Antonio é jogado numa poltrona para conversar novamente com a coordenação do local que o abrigava. A mesa em sua frente é daquelas clássicas mesas de quem tem poder demais para não ostenta-lo em pequenos objetos carissímos e sem beleza ou utilidade alguma a não ser reafirmar o poder daquele que o possuí.

Os carecas o alertam:

-Ela chega em alguns instantes.

Passo são ouvidos do outro lado. A porta se abre, se fecha, se abre novamente e lá está ela. Com seu tapa olho esquisito, dum olho que dizem ter perdido. Os olhares dela e de Antonio se cruzam pela milézima vez. Cada um com seu olho defeituoso de cada lado. Ela se aproxima e senta-se com força, balançando as os objetos de sua mesa.

- O que o traz aqui novamente?

- Ele pintou…

Ela interrompe a resposta do careca para dizer: - Quero que ele responda.

- Antônio, o que traz você aqui novamente?

-Você não o ouviu? Pelo jeito pintei algo que não devia, típico não? Podemos acabar com isso logo? Você não quer estar aqui.

-A não?

Ela o responde com tom de curiosidade.

- E você, gostaria de estar aqui?

- Tanto faz, não tenho escolha, não é mesmo, madame?

A Madame estava ali a tanto tempo que mal conseguia se lembrar da última vez que alguem requisitava sua atenção como Antônio. Ela gostava dele, no final das contas, mas não estava ali para gostar de ninguém, apenas para ter poder e utiliza-lo como bem puder.

- É claro que você tem escolha Antonio, pode sair a qualquer momento. Se lembrasse da saída. Enquanto não lembra, estamos aqui para ajudar você a ficar na melhor estadia da região…

- Cale a boca!

Os carecas se espantam com tamanha coragem e burrice.

- O que você falou? Um dos carecas pergunta.

- Calem a boca!

- Fale mais uma vez e você vai…

- Ca-lem-a-bo-ca

- Já chega! Pagará por sua insolencia.

O careca arma o tapa com seu braço maior que a perna da maioria das pessoas para estapiar Antônio diretamente na nuca. Isso iria nocautea-lo instantaneamente. Porém, antes que pudesse finalizar seu golpe e Madame ri, ri e ri alto. Gargalha solta e diz:

-Ahhh! Antônio, só você mesmo viu.

E imediatamente fica séria. -Tirem-o daqui, não quer conversar, então não conversaremos. Levem-o para o loop de sempre.

-Espere! Diz Antônio. Já sabemos onde isso vai dar, não é mesmo? Como você sempre diz: basta lembrar qual a saída. Eis aqui ela.

-Prossiga... diz Madame.

-Estamos sendo escritos numa janela qualquer dum programa mal acabado que possui 3 botões: minimizar, janelas e fechar. Basta apertar o último botão e todos nós sairemos daqui imediatamente.

Todos na sala estranham a fala. Soa familiar, mas nada concebivel aqueles presentem. Depois do espanto, caem em risadas. Madame em meio as risadas tenta recuperar o folego em sua frase.

-Ai! Antônio... É por isso que você sempre vai voltar aqui, as coisas que diz! São hilárias! Precisamos de gente que fale coisas assim para tirar um pouco o peso da vida não é mesmo? Levem esse fantoche daqui! Chega de brincaderas por hoje, vai voltar para o loop no quarto mais próximo que tiver. Se pintar as paredes denovo... Já sabe onde vai parar.

Antônio é levado pelos carecas. Ao fecharem a porta, Madame cruza todos os seus dedos na mão e suspira:

- Ele sabe de alguma coisa…

E ri, e chora, e ri, e chora e ri…

***

Antônio está atonico. Acorda e simplesmente vê dois gatos brincando. Curioso que nas redondezas reuniram recursos para comprar alguns brinquedos para os gatos. Porém, de tantos brinquedos comprados no comércio, os gatos ainda preferem brincar nada mais, nada menos do que uma lagartixa morta.

Nossa tentativa de pressupor o que os gatos vão preferir é tão fútil quanto achar que vai encontrar isso em comércios feitos por nossa espécie.

Sai da cama e vê as horas. Pensa "-É tarde, mas ainda há tempo de pegar a janta... Quem sabe". Desce as escadas, apesar da fome, não corre, segue caminhando passo a passo até o refeitório. Mesmo sem saber se lá estará aberto para recebê-lo, seja caminhando ou correndo.

Chega lá. Está fechando. Mesmo assim Antônio se aproxima dos funcionários que estavam prestes a fechar as portas.

-Com licença. Vocês estão fechando?

A resposta da pergunta é óbvia, mas é o suficiente para começar uma conversação.

-Sim. (Responde o funcionário)

-Oh! Desculpe! Qual o seu nome mesmo?

-Óbvius.

-Muito prazer, Óbvius. Sou Antônio.

-Legal, Antônio, e o que você procurava mesmo?

-Estava procurando me alimentar.

-Ah! Sim, você quase chegou a tempo, mas a cozinha acabou de encerrar por hoje.

-Eu entendo, Óbius. Muito grato por ter me recebido aqui.

-Ow! Ah, sim. Claro, é para isso que sou pago.

-Não vejo por esse lado, muitos outros seriam pagos para o mesmo e não me receberiam de forma alguma. Ou até eventualmente grosseiramente. O dia a dia é difícil não se deixar levar por algo que está nos transbordando internamente, as vezes não é nada fácil lidar sem soltar faíscas. Estende?

- Hmmm... Não muito. Mas aqui, você estava a procura de algum alimento. A cantina encerrou, mas tem uma bolacha aberta que trouxe da cidade que posso compartilhar com você.

-Oh! Que consideração recebo nesse momento tão inesperado. Vejo que é de bom grado e fico feliz em compartilhá-la com você. Vamos comer juntos?

-Podemos sim. Deixe-me pegá-la.

Antes que Óbvius conseguisse chegar se quer perto do pacote para pega-lo, Antônio presencia por um pequeno instante a atemporalidade. Mesmo que tenha sido por um instante, no momento que se presencia a atemporalidade isso fica difuso.

-Um instante para quem os conta e os, mas para quem não os conta? Quanto tempo foi? Mas que tempo? Qual deles, digo.. qual dos tempos está falando? Tem tantos tempos, você imagina.

-O que é isso? Não estou te vendo, é uma voz na minha cabeça? Como pode? Nem lhe dei permissão para entrar…

-Relaxe, essa cabeça também é sua, concordarmos com isso rsrs não se preocupe com seu amigo, ele vai estar mais ou menos onde estava quando você retomar.

-Retomar o que?

-O tempo que estava.

-Aí… vai começar papo de relatividade temporal? Será que eu terei paciência para isso, meu filho? Eu sou um ser linear, fui criado a vida toda na pressa, o segundo sempre em primeiro lugar, não podia parar nem piscar, um instante após o outro, vividos, sem poder escolher pará-lo ou pulá-lo. Para mim o tempo é algo que não tenho, o tempo é algo que me tem… Será que eu terei tempo para entender que meu tempo é só mais um tempo entre tantos outros tempos? Ahhhh… Que preguiça… Saia da minha mente, deixe-me comer a bolacha com Óbvios de uma vez.

-Bolacha, Óbvios, preguiça, mente… suas palavras tão criadas quanto você se cria, às vezes com muito mal jeito, viu ou não viu? Os seus registros, suas memórias, lembranças inteiras apenas como uma interpretação entre infinitudes perdidas e de difícil acesso. Ou nem tão difícil assim, afinal, um preguiçoso como você pelo visto está aqui a acessando, não é mesmo? Ai, ai, esses tempos, no meu tempo, ou melhor, quando não havia tempo algum, os meios de comunicação entre diferentes tempos era muito diferente. Deixe de ser tão orgulhoso, é… Antônio? É isso mesmo?

-Você entra na minha cabeça, nem sabe meu nome e ainda quer dar lição de moral? Que papinho para essa horas em… como espera que me diz uma coisa dessas e espere que eu consiga simplesmente continuar vivendo em meu tempo apenas? Se meu nome é Antônio e você nem se quer sabe disso, eu possa até entender, por realmente a subjetividade ser tão sutil, porém ainda sim, mesmo que eu não seja apenas isso, eu também sou Antônio e não tenho como de uma hora para outra simplesmente deixar de viver.

-Antônio, relaxa o facho um pouco… O mundo foi feito por sonhadores, você ainda pode sonhar. ;)

-O que?

-Livraste desde livro.

***